

# Diocese de Coimbra

## PLANO PASTORAL

### 2021-2024



diocese de  
**coimbra**  
*Jovem*  
levanta-te! #CRISTO VIVE.



**DIOCESE DE COIMBRA**

***Jovem, levanta-te!***

***Cristo Vive.***

***Plano Pastoral 2021-2024***

Carta Pastoral de Dom Virgílio	5
Plano pastoral 2021-2024	33
Grelha de Programação	61
Avaliação Plano Anterior 2017-2020	65

# **CARTA PASTORAL DE DOM VIRGÍLIO ANTUNES PARA O PLANO PASTORAL 2021-2024**

## **“JOVEM, LEVANTA-TE! CRISTO VIVE.”**

### **INTRODUÇÃO**

Entramos cheios de confiança num novo triénio da caminhada pastoral da Diocese de Coimbra, agora voltado para os jovens. Situamo-nos, assim, no percurso da Igreja Universal impelidos a olhar para os jovens com grandes expectativas e com o desejo de realizar uma forte ação evangelizadora que lhes abra o caminho para o encontro com Cristo e para uma maior e mais visível integração na Sua Igreja.

#### ***Luzes do Sínodo sobre os jovens***

O Sínodo dos Bispos sobre “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, que teve lugar em 2018, e a Exortação Apostólica do Papa Francisco “Cristo Vive”, dirigida aos jovens e a todo o Povo de Deus, publicada de 2019, trouxeram novas luzes a esta realidade. Desde a reflexão prévia em dinamismo sinodal até à assembleia sinodal, passando por assembleias parciais e locais, todos puderam dar o seu

contributo para discernir os caminhos do Espírito e acolher as suas luzes em ordem a uma atitude diferente de toda a Igreja em relação à pastoral dos jovens.

Ao revisitarmos a “Cristo Vive”, que exorto vivamente as comunidades a ler, compreendemos que o Espírito Santo falou verdadeiramente à Igreja e que aquelas palavras são inspiradoras e portadoras de alento face a um certo pessimismo instalado nas comunidades, muitas delas em risco de desistir dos jovens. Ora, Cristo nunca desiste de ninguém, não desiste dos jovens, que olha com imensa ternura. Por isso, acolhemos este tempo de graça e sentimo-nos impelidos à ação.

### ***Dinamismo da Jornada Mundial da Juventude***

As circunstâncias atuais estão ainda favorecidas pelo movimento já sentido a caminho da Jornada Mundial da Juventude, Lisboa 2023. Os adolescentes estão em marcha conduzidos pelos seus animadores e com a ajuda do guião “Say Yes”, que está a trazer um novo fôlego à catequese do 7º ao 9º ano.

Os jovens começam agora a centrar-se no percurso para a Jornada por meio da reflexão e oração conduzida pelo guião “Rise Up”, bem como pelas atividades propostas pelo Comités Organizadores - Local, Diocesano e Territorial.

Estamos já a viver uma grande onda de entusiasmo, potenciada pela palavra do Papa Francisco, pelos sucessivos apelos das instâncias eclesiais e pelos horizontes de renovação que se anteveem.

### ***Dinamismo sinodal diocesano***

O Plano Pastoral Diocesano será um instrumento unificador de orientações, perspetivas e sonhos da nossa Igreja de Coimbra, que se sente a caminhar em sintonia com o Espírito de Deus, necessitada de juventude e que se deseja ver renovada em todas as suas pessoas e estruturas por uma presença maior dos jovens tocados pela fé em Jesus Cristo.

Em resposta aos pedidos do Papa que nos sugere uma Igreja toda ela sinodal, também nós quisemos preparar o Plano Pastoral com o contributo da oração, da reflexão e da palavra de crítica e de proposta do Povo de Deus. Nesse sentido, o Secretariado da Coordenação Pastoral enviou à Diocese, particularmente aos conselhos pastorais e às equipas de animação pastoral das unidades pastorais, um questionário, cujas conclusões são um espelho das dificuldades e das potencialidades que temos. Também ali se encontram propostas de objetivos e ações a empreender por todas as comunidades para renovar a Igreja com os jovens.

De modo especial, quisemos que os próprios jovens fossem os primeiros a envolver-se na oração e reflexão acerca das características do seu modo de ser e estar na sociedade e na Igreja. Depois de um encontro motivador em cada um dos dez arceprestados, organizado pelo Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil, em que participei, puderam debruçar-se sobre um questionário que lhes foi endereçado e puderam dar os seus valiosos contributos. A sua adesão constituiu uma

surpresa e um sinal da sua fé e da sua entrega à causa da edificação da Igreja de Cristo.

Temos, agora, um instrumento orientador desta nova fase da vida da nossa Igreja Diocesana de Coimbra. Alimentados pela força renovadora de Cristo Vivo e pela criatividade do Espírito Santo, somos convidados a avançar com confiança, esperança e fé, dando o nosso contributo para a realização desta obra comum: a construção duma Igreja jovem, viva, acolhedora e fraterna, como acreditamos que Deus a deseja.

### ***Plano Pastoral como dom***

Embora se centre nos jovens, o Plano Pastoral dirige-se a toda a Igreja Diocesana, a todos os seus membros e a todas as suas comunidades, serviços e movimentos. A pastoral da Igreja deve ser entendida no seu conjunto, como uma única ação orientada para o enraizamento da fé em Jesus Cristo e para uma relação de pertença de todos ao Povo de Deus, conduzido pelo mesmo Espírito, aberto ao Evangelho e sujeito do anúncio a todos os povos da terra.

Os objetivos definidos e as propostas enunciadas no Plano Pastoral têm em conta as diferentes faixas etárias e os variados sectores em que se organiza a comunidade cristã para melhor adequação aos seus membros, mas tendo sempre em vista o crescimento de todos na fé em Cristo e a edificação de um Corpo unido para o testemunho fiel no meio do mundo.



A comunhão da Igreja Diocesana manifesta-se pela profissão da mesma fé, mas torna-se mais efetiva e visível quando esta porção do Povo de Deus caminha orientada pelos mesmos objetivos gerais e quando sintoniza nos mesmos projetos específicos, aqueles que ela mesma, sinodalmente, vai discernindo como os mais urgentes em cada momento da sua história.

### ***Aos jovens e a todos***

Dirijo esta Carta Pastoral e este Plano Pastoral à comunidade diocesana, a todos os seus membros, aos jovens, aos presbíteros, aos diáconos, aos consagrados e aos leigos.

A preocupação pela pastoral dos jovens não é uma novidade na Igreja diocesana. Houve já, de facto, em anos passados, planos pastorais que a contemplaram, iniciativas de reflexão sobre a mesma nos órgãos de corresponsabilidade pastoral, estudos e jornadas que a ajudaram a fundamentar e compreender. Por outro lado, também a nossa caminhada mais recente, orientada pelos últimos Planos Pastorais, de evangelização, aprofundamento da fé, enraizamento espiritual e renovação pastoral nos impulsiona agora a responder com renovada energia a este objetivo, que lemos, uma vez mais, como apelo do Espírito Santo à nossa Igreja diocesana.

Ponho especial confiança no zelo que, de forma crescente, vêm demonstrando os conselhos pastorais e as equipas de animação pastoral das unidades pastorais, os secretariados diocesanos e os movimentos de espiritualidade. O conhecimento que têm da realidade

local ajudará muito a perceber de que modo, com que meios e que ações são mais oportunos para executar este Plano Pastoral. Terão também a possibilidade de fazer, localmente, uma avaliação mais rigorosa do que programaram, do que conseguiram e do que ficou apenas em sonhos por não se ter realizado.

Os catequistas da infância e adolescência, bem como os animadores da pastoral juvenil acolham a missão específica de transmitir a alegria da fé e de testemunhar o imenso carinho de Jesus pelas crianças e jovens que acompanham. Muito daquilo que Deus quer fazer passa pela sua mente aberta, pelo seu coração amoroso e pelas suas mãos disponíveis para a messe.

Aos queridos jovens, a todos eles, seja qual for a sua situação face à fé cristã e à Igreja, dirijo uma palavra de acolhimento e de amizade, convidando-os a porem-se a caminho com Cristo, que os acompanha como Irmão, e a deixarem-se envolver pela Igreja, que cuida deles como Mãe.

## II

### **JOVEM, LEVANTA-TE!**

#### ***Jesus ama os jovens***

Jesus tem uma especial predileção pelos jovens. O Evangelho de São Lucas oferece-nos o episódio da ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 7, 11-17) como exemplo desse amor compadecido, que tem como centro o jovem e o círculo daqueles com quem se relaciona

mais diretamente, em primeiro lugar, a mãe, mas depois também a multidão dos seus seguidores.

Ao apresentar-se como o Senhor da vida, Jesus não quer deixar no poder da morte nenhum daqueles que o Pai lhe deu, mas quer comunicar o dom de que é portador para toda a humanidade. Ele é o Senhor Ressuscitado que veio para resgatar a todos da morte, de modo que, na Sua vida terrena antecipa já os sinais que manifestam o futuro que oferece à humanidade.

Já outros textos bíblicos tinham adiantado profeticamente essa força de vida do amor de Deus, como é o de 1 Rs 17, 8-24, que narra como Elias ressuscitou o filho da viúva de Sarepta, ou o de 2 Rs 4, 18-36, que narra como Eliseu ressuscitou o filho da mulher sunamita invocando o Senhor.

O Novo Testamento dá continuidade a essas narrações, agora centradas na ação de Jesus e dos apóstolos, continuadores da Sua missão reveladora e portadora da vida, como é o caso de Lc 8, 40-42.49-50, que narra a ressurreição da filha de Jairo; At 9, 36-43, que narra a ressurreição de Tabitá por intermédio de Pedro e ainda At 20, 7-12, que narra a ressurreição de um jovem chamado Eutico, em Tróade, por ação de Paulo. Trata-se sempre de crianças ou jovens, daqueles que, por estarem na força da vida, não podem ficar entregues à morte.

Segundo a revelação bíblica, Deus criou o homem para viver e esse é um desejo inscrito na própria vida que lhe é dada. Além disso, a morte traz sempre consigo a impossibilidade de manter esse desejo,

juntamente com a impossibilidade de se construir como pessoa e de louvar o Deus criador a partir da fé. A morte física, sem dúvida, mas também a morte psíquica, espiritual e moral traça um limite aos desafios do presente e do futuro numa relação com os outros, com o mundo criado e com Deus.

O desejo de viver alimenta e fortalece a identidade do homem criado para o amor ao próximo e a Deus, que não é possível no mundo dos mortos. Desse modo, o maior desejo de Deus é que o homem não morra, mas tenha a vida eterna no amor de Deus. Para que essa vida terrena e eterna aconteça na história de cada um, Jesus ofereceu a Sua própria vida e ressuscitou dos mortos. Por meio da fé em Jesus morto e ressuscitado, o homem pode fugir à morte e acolher o dom da vida.

### ***Compaixão pela mãe e pelo filho***

Ao escutar o choro da viúva de Naim, Jesus enche-se de compaixão, tanto por ela como pelo filho que leva a sepultar. Jesus deseja a vida, a mulher deseja a vida e os dois desejos encontram-se nas entranhas de misericórdia divina, que leva a dirigir a palavra ao jovem morto: levanta-te! Este verbo, também usado para referir a ressurreição do próprio Jesus, é usado aqui para abrir de novo as portas da vida ao defunto, mas igualmente para voltar a dar a alegria da vida e do convívio familiar a sua mãe e a todos os que acompanhavam o percurso geográfico até à sepultura ou o percurso interior do sofrimento em direção à alegria abundante que se encontra somente no Senhor que realiza o milagre.

Ao vermos Jesus ressuscitar o filho da viúva de Naim vem-nos inevitavelmente ao pensamento a frase de João “quem ouve a minha palavra e crê n’Aquele que me enviou tem a vida eterna e não é sujeito a julgamento, mas passou da morte para a vida” (Jo 5, 24). A palavra poderosa de Cristo é palavra de vida eterna, é um sinal para a fé e aniquila o poder da morte.

Por sua vez, a expressão paulina, “para mim viver é Cristo” (Fl 1, 21) aponta para o batismo como um morrer que leva a nascer para uma vida nova em Cristo, o Senhor da vida. Nesse novo nascimento dá-se o encontro definitivo com Cristo e vislumbra-se na fé o futuro que nos espera, a bem-aventurança que Ele promete e oferece aos que permanecem no amor e, por isso, permanecem n’Ele.

### ***Vida dos jovens, alegrias e dores***

O milagre da ressurreição do filho da viúva de Naim tem efeitos notórios na vida do jovem, na vida da sua mãe e na vida de toda a comunidade.

Para o jovem trata-se do grande momento da sua existência, pois volta a dar-lhe a possibilidade de se construir, de louvar a Deus pelo que é e de seguir Aquele Jesus que o encontra morto e lhe oferece o bem mais precioso, condição para todos os outros.

Toda a narração nos aponta para um acontecimento histórico e para a ressurreição de alguém que está fisicamente morto, pois, passado o tempo regulamentar para se atestar o óbito de alguém, já o levam para ser sepultado. Podemos, no entanto, ampliar a nossa

leitura do texto bíblico e incluir nela as muitas situações de morte espiritual em virtude do pecado ou ainda outras situações de morte como é o estar longe de Deus pela ausência da fé, o negar-se a seguir Jesus por indefinição da própria vocação cristã ou até a falta de sentido para a vida em virtude da falta de esperança que se instala na mente e no coração.

Os jovens estão na força da vida e são por natureza pessoas alegres, cheias de esperanças e de sonhos, anseiam por dar a vida e transformar o mundo em que vivem, buscam a felicidade mais autêntica e não se conformam com as injustiças que vêm à sua volta. São generosos, capazes de uma amizade sincera e de se comover com o sofrimento dos outros, têm uma alma grande e aberta ao mistério, desejam superar-se e alargar sempre mais os horizontes da sua existência.

Mas, os mesmos jovens correm sérios riscos de se fechar no seu eu e de matar as sementes de esperança que foram plantadas no seu coração. Não raro deparamos com jovens acabrunhados e sem coragem para enfrentar as dificuldades que nascem dentro de si ou para colmatar os vazios instalados mesmo sem saberem como nem porquê. Vulneráveis como são, tornam-se frequentemente vítimas fáceis da sociedade em que vivem, alvo das conquistas ideológicas ou de propostas de vida que se tornam estradas abertas para a destruição de si mesmos.

A humanidade conhece de perto as muitas formas de escravização que oferece aos jovens sob a capa de felicidade a baixo

custo ou como meios imediatistas de resolver problemas, conflitos e desânimos.

### ***Salvação dos jovens***

Se muitos jovens têm o amparo e o apoio da família, da escola, da sociedade em geral para fazerem um caminho de crescimento sereno, outros há a quem faltou tudo e todos, sendo deixados à mercê da sua fragilidade ou a lutar sozinhos contra os perigos que aparecem nos momentos mais inesperados. Se muitos têm na sua história uma iniciação à fé como suporte das suas lutas e acederam ao encontro com Cristo como fortaleza de amor a alicerçá-los por dentro, outros há que nunca encontraram verdadeiras testemunhas que lhes falassem de Deus ou os ajudassem a elevar o olhar para o alto. Se muitos tiveram a graça de entrar e permanecer na Igreja e sentir-se acolhidos e acompanhados nas suas comunidades, outros há que não tiveram quem os conduzisse às fontes da salvação ou que nunca foram verdadeiramente acolhidos e acompanhados tais quais como são.

O olhar misericordioso de Jesus e a sua palavra de amor “levanta-te”, manifestam como Ele se comove, cuida, acompanha e deseja resgatar todos os jovens das suas prisões ou mortes interiores. Esse encontro torna-se sempre lugar de ressurreição, princípio de um presente e de um futuro verdadeiramente jovem, porque cheio de alegria, de esperança, de amor e de sentido luminoso para a vida.

Aquele acontecimento torna-se momento de salvação para o jovem, uma salvação que consiste em passar da morte à vida pelo

poder do amor de Deus revelado em Jesus Cristo. Levantar-se à palavra de Jesus, significa ser salvo por Ele e entrar no caminho do seguimento, do discipulado, que é já participação do Seu mistério humano e divino.

### ***Grandezas e limites da família dos jovens***

A viúva de Naim, mãe do jovem que vai a sepultar, chora a morte do seu filho e vê interrompido um mundo de relações indispensáveis à sua subsistência como pessoa e como família, pois está na mais crua solidão, está verdadeiramente sem ninguém.

A comunidade familiar é, sem sombra de dúvida, aquela que melhores condições deve oferecer aos jovens para crescerem de forma harmoniosa em todas as dimensões: na generosidade e no amor, nas relações sociais e fraternas, na experiência religiosa e de fé. É também o lugar que, quando não reúne as condições adequadas, mais prejuízos pode causar ao bem estar e à felicidade dos jovens.

O amor dos pais constitui a realidade mais marcante das suas vidas, mesmo que aparentemente nem sempre o possam reconhecer, e a falta dele fere gravemente o coração e a estabilidade dos jovens, atirando-os frequentemente para as malhas das dependências de tudo o que lhes surge como ocasião de fuga à solidão e ao sofrimento que sentem.

Estamos numa época de crise familiar e, talvez por isso, num tempo em que os jovens são confrontados com problemas agravados. Essa desagregação social e eclesial que resulta das famílias desfeitas e, porventura, refeitas de outro modo e com outros intervenientes, tem



necessariamente consequências sobre os jovens no seu amadurecimento pessoal e na sua adaptação à vida, com graves lacunas na formação de uma personalidade a caminho da autonomia e da vida adulta; casos há em que os jovens chegam mesmo a ser manipulados como verdadeiros joguetes nas mãos dos pais... Nessas circunstâncias, os jovens ficam, frequentemente, sem ninguém que os acompanhe pessoalmente, entregues a si mesmos numa antecipação forçada da sua condição de adultos, ou numa situação de sofrimento, cuja memória se pode prolongar indefinidamente no tempo, com a recordação de uma má experiência de relação familiar que condicionará negativamente todo o seu percurso de vida.

Os jovens precisam de uma família que os ampare, compreenda, ajude a corrigir e aponte horizontes de vida sólidos. Precisam até de alguém que se compadeça deles com misericórdia no momento da desorientação ou do sofrimento. Precisam de uma família que se alegre com os seus sucessos e que chore com as suas desgraças.

### ***A Igreja cuida dos jovens***

A viúva de Naim que chora a morte do seu filho único faz manifestar-se a misericórdia de Deus por meio de Jesus e pode bem simbolizar todo o cuidado das famílias para com os seus filhos. Podemos ainda vê-la como a figura feminina da Igreja, que cuida dos seus jovens com ternura, que se alegra com a sua felicidade e que chora quando os vê perdidos. Como nos disse o Papa Francisco, “não sejamos uma Igreja que não chora frente a esses dramas dos seus

jovens filhos. Nunca nos acostumemos a eles, porque quem não sabe chorar não é mãe. Nós queremos chorar para que a sociedade também seja mais mãe, para que, em vez de matar, aprenda a dar à luz, para que seja promessa de vida” (*Cristo Vive*, 75).

Dando continuidade ao ministério de Jesus, a Igreja tem de estar muito atenta aos jovens, tem de se fazer sentir sua mãe no cuidado que manifesta para com todos eles. Como família e como comunidade chamada a viver no amor, a Igreja não pode deixar ninguém de fora, especialmente aqueles que, por serem mais vulneráveis, facilmente se vêm perdidos no meio do mundo. Ao ouvir o choro da mãe, Jesus olha para o seu filho e oferece-lhe o dom da vida, restaurando, assim, um e outro.

### ***A vida dos jovens, sinal para a fé***

A grande multidão que seguia Jesus e presenciou aquele milagre ficou cheia de temor e deu glória a Deus. Ninguém foi indiferente à presença do “grande profeta” e perceberam que, por meio d’Ele, “Deus visitou o seu povo”, como haviam escutado tantas vezes no texto sagrado dos profetas e como esperavam ansiosamente ao longo de muitos séculos.

Em Jesus, cumpre-se a promessa da visita salvadora do Messias e vê-se realizada a profecia de Isaías acerca dos novos tempos, tal como o evangelista refere logo a seguir: “os cegos veem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, a Boa Nova é anunciada aos pobres” (Lc 7, 22-23).

Por um lado, todos os presentes se sentiram atingidos pelo poder de Deus, que lhes dá a vida, como deu a vida ao jovem defunto; por outro, encontraram ali um sinal para a fé, como aconteceu sempre que Jesus realizou um milagre. A obra de Deus realiza-se e envolve os circunstâncias, de modo que acreditam, são libertados e a fama do milagre espalha-se por toda a região, ou seja, a Boa Nova que conduz à fé é anunciada.

### ***Partilha da fé entre os jovens***

A comunidade cristã alimenta-se diariamente dos sacramentos que celebra, mas precisa igualmente do testemunho da fé de todos os seus membros. De um modo especial, os jovens são muito sensíveis ao testemunho de fé dos outros jovens e precisam de um contacto forte com os que acolhem a Palavra de Deus e se deixam moldar por ela. A fé de um jovem, quando é sincera, transformadora da vida e se expressa por palavras e por obras, é sempre contagiante e interroga seriamente os outros jovens.

Os jovens podem manifestar alguma indiferença ou até alguma rejeição pelas expressões de fé dos adultos, uma vez que pretendem crescer em autonomia e procuram sempre a novidade, mas nunca são indiferentes ao testemunho daqueles que participam nos mesmos grupos, que fazem parte da mesma comunidade ou partilham o entusiasmo pelas mesmas causas. Ser jovem cristão transforma-se, assim, numa verdadeira causa missionária e evangelizadora que há de dar bons frutos.

A palavra de Jesus, “levanta-te” continua a ecoar aos ouvidos dos jovens que se encontram desanimados, sem fé, perdidos ou sem coragem para empreender o caminho. Eles precisam de uma comunidade que os auxilie nesse processo proposto de forma veemente por Jesus, precisam da palavra e do testemunho da família, da paróquia, do grupo, da comunidade, da Igreja. No entanto, eles sentem de forma mais próxima a voz dos animadores adultos, que assumem essa missão, e dos animadores, jovens como eles, cheios de Deus e do desejo de comunicar a sua experiência de fé, desde que seja sincera e apesar de todos os seus limites.

Deste modo, os primeiros animadores da pastoral juvenil, são os próprios jovens que, à palavra de Jesus, ousam levantar-se e pôr-se a caminho, acolhem a Sua vida e se decidem, animados pela força do amor de Deus, a comunicar a vida. A Igreja deposita neles a sua confiança e, em nome de Jesus, entrega-lhes o protagonismo dessa missão.

### III

#### **JOVEM, CRISTO FAZ O CAMINHO CONTIGO**

##### ***Cristo, jovem com os jovens***

Ao caminhar com os dois homens que se dirigem a Emaús, Jesus mostra que está disponível para acompanhar toda a humanidade que procura encontrá-l’O como Ressuscitado e peregrino da fé. Ele faz-se sempre companheiro de viagem de cada um dos jovens buscadores

de Deus e desejosos de O seguir nas estradas da vida, mesmo que não saibam qual a meta nem como será a caminhada.

A narração de Lc 24, 13-35 assegura-nos que nunca estamos sós e que a fé é uma longa jornada de descobertas e de incertezas que se tornam certezas cada vez maiores quando reconhecemos que Ele vai conosco e nos dá a possibilidade de uma relação de amizade reveladora e consoladora.

Os dois homens dirigem-se a uma povoação chamada Emaús, desanimados e tristes depois dos acontecimentos que tiveram lugar em Jerusalém, a paixão e a morte de Jesus em quem tinham depositado as esperanças da redenção de Israel. Tinham conhecido Jesus de Nazaré como profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo, acompanharam a sua condenação e morte na cruz e, apesar de algumas mulheres terem encontrado o sepulcro vazio, não tinham notícia de que estivesse vivo, como esperavam. Agora, perplexos, saíam da cidade em direção ao campo, privados ainda da visão da fé.

Este entusiasmo por Jesus, cujo nome se ouviu proclamar como o de Alguém grande nas suas obras e palavras, deixa em todos uma grande insatisfação e faz aumentar o desejo de um encontro que abra as portas a uma visão crente, a única que preenche plenamente os anseios mais profundos.

### ***Da admiração à fé***

Muitos jovens da nossa Igreja fazem exatamente essa mesma experiência dos discípulos de Emaús, quando na família, na catequese, na Igreja, se habituaram a ouvir falar de Jesus como grande personagem da história humana e religiosa, puderam reunir inclusive muita informação acerca da sua personalidade, da sua identidade e da sua dimensão humana, mas não foram tocados interiormente por Ele. Estes jovens tornam-se, porventura, admiradores da sua pessoa, mas ficam com uma sensação de insatisfação ou podem mesmo esmorecer quando não são capazes de dar o passo da fé. Não basta aos jovens, buscadores de Deus, contemplar um Homem diferente ou fazer memória de um personagem marcante, mas de um passado distante, pois para construir as razões para viver, e viver com sentido, é necessário mais do que um livro de história, é imprescindível a sintonia do coração com o Cristo vivo.

No momento em que Jesus se aproxima e faz caminho com os dois discípulos, eles iniciam um novo processo, uma verdadeira peregrinação interior, que os levará à experiência do encontro e da relação pessoal. Precisam, no entanto, de sinais mais fortes que lhes deem uma nova visão, a visão da fé. A explicação das Escrituras introduz-os progressivamente no sentido da presença de Deus ao longo da História da Salvação e encaminha-os para a fração do Pão, fazendo-lhes arder o coração, numa preparação que conduz à revelação de

Jesus como o Cristo, o Senhor, Aquele que morreu, mas agora está vivo.

No momento em que os seus olhos se abrem para O reconhecer e acreditar que Ele está vivo, opera-se uma mudança radical no seu espírito, simbolizada na viagem de regresso a Jerusalém, onde encontram os Onze e os seus companheiros que confirmam: “realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão”.

### ***Da fé ao discipulado missionário***

A vida daqueles discípulos transformou-se e podemos imaginá-los a anunciar o Evangelho com os Apóstolos e os outros seguidores do Mestre. Conhecer Jesus de Nazaré como profeta grande em obras e palavras, tinha sido o princípio do percurso; reler com Ele as Escrituras e repassar as promessas de Deus, ajudou a compreender as esperanças de Israel; aceitá-l’O como companheiro de jornada e partilhar com Ele o momento da fração do Pão, leva à fé no Senhor Ressuscitado e a segui-l’O.

### ***A Igreja faz caminho com os jovens***

A caminhada de Jesus com os discípulos de Emaús constitui o modelo fundamental do percurso que a Igreja deve fazer com os jovens para cumprir a sua missão de os ajudar a descobrir o sentido das suas vidas a partir da fé.

O Papa Francisco define a ação de Jesus na relação com aqueles dois discípulos, dizendo: “Para estar na sua companhia,

percorre o caminho com eles. Interroga-os e dispõe-se a uma paciente escuta da sua versão dos factos para ajudá-los a reconhecer aquilo que estão a viver. Depois, com afeto e energia, anuncia-lhes a Palavra, guiando-os na interpretação dos acontecimentos que viveram à luz das Escrituras. Aceita o convite a ficar com eles ao entardecer: entra na sua noite. Na escuta, o coração deles reconforta-se e a sua mente ilumina-se, ao partir do pão abrem-se-lhes os olhos. Eles próprios escolhem empreender sem demora o caminho em direção oposta, para voltar à comunidade e partilhar a experiência do encontro com Jesus ressuscitado” (*Cristo Vive*, 237)

Tal como fez Jesus, a Igreja há de caminhar afetuosamente com os jovens, escutar os seus pontos de vista sobre a realidade, anunciar-lhes a Palavra, proporcionar-lhes momentos fortes de encontro caloroso com Ele na fração do pão e criar as condições para que empreendam um novo caminho e partilhem com os outros a experiência vivida.

Toda a pastoral dos jovens, iluminada pela atitude de Jesus expressa neste episódio do Evangelho de São Lucas, é uma pastoral do acompanhamento e do afeto; é uma pastoral da paciência que não regateia o tempo, mas se exprime no gosto de estar com eles; é uma pastoral do diálogo, que leva a escutar a sua visão dos factos e ajuda a interpretá-los à luz da Palavra de Deus; é uma pastoral que introduz na celebração dos mistérios da fé e a saborear a alegria da presença de Jesus vivo; é uma pastoral que favorece as decisões pessoais dos jovens



a partir do encontro interior com Jesus ressuscitado e não a partir de imposições externas.

Em nome de Jesus ressuscitado, a Igreja, por meio dos seus pastores e de todos os animadores, a começar pelos jovens, é chamada a pôr-se a caminho com os jovens e a estar com eles de forma paciente, calorosa e livre para que se deixem tocar pela fé no Senhor e empreendam o caminho de uma vida nova.

#### IV

### JOVEM, CRISTO CONVIDA-TE A SEGUI-L'O

#### *Jesus, a vida eterna*

A juventude é a idade das decisões para toda a vida, é a idade para assumir a vocação humana e cristã em toda a sua radicalidade. Com a experiência adquirida e com o conhecimento que se tem do mundo, dos outros e de Deus, está-se, nessa altura, em melhores condições para acolher os maiores desafios, para traçar o rumo que se pretende seguir e o sentido que se pretende dar à existência.

Quando o jovem rico se aproxima de Jesus e lhe pergunta “Mestre, que hei de fazer de bom, para alcançar a vida eterna?” (Mt 19, 16-26), está a manifestar o desejo de tomar as decisões mais acertadas para o seu presente e o seu futuro, desejo esse que está inscrito no mais íntimo de cada pessoa. A partir da fé, o presente e o futuro têm sempre a ver com o sentido de Deus e com o sentido do

próximo, pois nada na vida pode estar fora desse contexto cristão e humano.

Alcançar a vida eterna significa acolher a salvação eterna prometida nas páginas da Escritura e que é dom de Deus. Significa também acolher desde já as sementes de bondade, que levam a enquadrar a vida terrena presente como caminho de realização pessoal, numa perspectiva de relação de amor a Deus e de serviço aos irmãos. O desejo de vida eterna inclui também sempre a busca da felicidade, mesmo que não se possa defini-la bem em todos os seus contornos, mas sabendo que é o desejo de estar bem, em paz interior, em relações harmoniosas com os outros, com o cosmos, consigo mesmo e com Deus.

Quando Jesus convida o jovem a cumprir os mandamentos, está a indicar-lhe o caminho da vida quotidiana que deve exprimir as linhas de orientação fundamentais e o acolhimento dos valores humanos expressos na dádiva de Deus ao Seu povo por meio da Lei da Aliança de amor, ou seja, por meio do Decálogo. Os mandamentos referidos, e que visam as relações com os outros em sociedade, supõem o primeiro de todos eles, o do amor a Deus, que, quando é verdadeiro, conduz sempre ao segundo: “amarás o teu próximo como a ti mesmo”.

### ***Caminho de perfeição***

Vem depois o chamamento à perfeição, a vocação ao seguimento, cujo sinal e condição é o desprendimento dos bens

terrenos e a caridade para com os pobres. No fundo, o amor a Deus, expresso pelo seguimento de Jesus, e o amor ao próximo, manifestado pelo desapego dos bens e pela caridade fraterna, constituem a vocação de cada pessoa, que se constrói particularmente a partir da juventude.

O caminho da perfeição começa quando um jovem se decide, movido pelo amor de Deus, a seguir Jesus e a inaugurar uma nova forma de relacionamento com os bens de que dispõe e com as pessoas que fazem parte da sua vida. Esta é uma proposta feita a todos, que tem realizações concretas, segundo a vocação específica a que cada um se sente chamado.

O processo de discernimento da vocação, feito na obediência da fé, na escuta da Palavra de Deus, na oração sincera, na experiência de encontro com a comunidade cristã e com as realidades do mundo e com o acompanhamento materno da Igreja, é um passo decisivo no caminho de perfeição proposto por Jesus a cada pessoa.

### ***Vocação e santidade***

A vocação a seguir Cristo faz parte integrante do caminho que nos é proposto a partir da fé. Assenta na vocação à vida que nos foi dada e dá origem a uma nova orientação de tudo o que somos, de tudo o que desejamos e de tudo o que fazemos. Em resumo, é o chamamento que Deus nos faz para nos configurarmos com Cristo na santidade, esta entendida como um processo iniciado no batismo e que tem continuidade ao longo de toda a vida em que nos propomos, de facto, ser santos.

O Concílio Vaticano II reafirmou a vocação à santidade como a vocação universal dos cristãos, dizendo: “Todos os fiéis cristãos, de qualquer condição e estado, fortalecidos com tantos e tão poderosos meios de salvação, são chamados pelo Senhor, cada um pelo seu caminho, à perfeição daquela santidade pela qual o próprio Pai é perfeito” (LG 11). Este é o caminho de seguimento de Jesus que o Evangelho propõe aos jovens e este é o caminho que os conduz a saciar a ânsia de vida eterna referida pelo jovem rico que se aproxima de Jesus, segundo a narração bíblica.

O Papa Francisco esclarece os jovens ensinando-lhes que essa vocação não é algo de estranho, mas faz parte da vida quotidiana, comum a todos, e configura-se na amizade com Ele, na vida orientada para os outros, na vivência do amor familiar e na transformação do mundo por meio do trabalho (cf. *Cristo Vive*, 250-273). Pode também realizar-se nas vocações de especial consagração, como é o caso do sacerdócio ministerial e da vida consagrada nos institutos religiosos os nos institutos seculares.

A vocação cristã é sempre caminho de vida eterna em resposta ao convite de Jesus, “vem e segue-Me”, é sempre caminho de salvação, como o Papa explica: “A salvação que Deus nos oferece é um convite a fazer parte de uma história de amor que se entretetece com as nossas histórias, que vive e quer nascer no meio de nós, para que demos fruto onde quer que estejamos, como estivermos e com quem estivermos” (*Cristo Vive*, 252).

O discernimento de uma vocação cristã em sentido geral ou de uma vocação em sentido específico não se faz sem o diálogo com o Senhor, que nos trata por amigos e nos chama a segui-l’O com total disponibilidade. É uma escolha decisiva e marcante, que se integra plenamente no desejo que os jovens têm de autenticidade e radicalidade. Quando se conhece Cristo com a inteligência e com o coração, surge o desejo forte de O seguir e de acolher o seu estilo de vida, caminho de santidade e de eternidade.

Ao pensar na pastoral dos jovens, como é objetivo deste Plano Pastoral, temos consciência de que “toda a pastoral é vocacional, toda a formação é vocacional e toda a espiritualidade é vocacional” (*Cristo Vive*, 254), pois toda ela é uma missão que a Igreja é convidada a realizar em ordem a possibilitar aos jovens o encontro com Cristo e o seguimento de Cristo como melhor forma de realização de si mesmos.

## V

### JOVEM, A IGREJA ACOLHE-TE

#### ***Igreja, mãe dos jovens***

Entre as muitas características da Igreja de Deus sobressai para os jovens a sua condição de mãe. No meio do turbilhão de ideias que afloram à sua mente e entre frequentes crises de crescimento, os jovens precisam de um porto seguro, aspiram pelo amor, pela compreensão e pelo cuidado da mãe. Muitas outras instituições podem dar conselhos, apontar metas, tecer críticas ou exprimir desencantos,

mas a figura materna vai além de tudo isso, porque vive do amor gratuito e sem condições.

A Igreja quer ser mãe para os jovens, quer ajudá-los a crescer livres e responsáveis, deseja vê-los a percorrer o caminho da realização, da felicidade, da vida e não pode reservar nada para si, pois existe para dar e para se dar. Nem sempre isso acontece, pois frequentemente ela falha na sua condição de mãe e pensa mais em si do que nos seus filhos, não dá lugar aos seus sonhos e limita a sua ânsia de crescer, mais preocupada que está com os seus erros do que com o seu caminho e as suas vitórias, por pequenas que sejam.

Estamos no momento decisivo para que a Igreja Diocesana de Coimbra dê lugar e tempo aos jovens. Em primeiro lugar, porque é mãe e quer acolher todos os seus filhos com amor; depois porque, como escreveu o Papa Francisco, a Igreja precisa do seu entusiasmo, das suas intuições, da sua fé (cf. *Cristo Vive*, 299), e ainda porque os jovens “podem conferir à Igreja a beleza da juventude quando estimulam a sua capacidade de se alegrarem com aquilo que começa, de se darem sem recompensa, de se renovarem e de partirem de novo para novas conquistas” (*Cristo Vive*, 37).

### ***Maria, modelo da Igreja, que acolhe os jovens***

A melhor figura e modelo de uma Igreja que acolhe os jovens é a Virgem Maria. Ela é a Mãe que acolhe e protege o Seu Filho Jesus com um amor ímpar, de Belém a Nazaré, do Calvário ao Cenáculo. Ela é a Mãe que acompanha os apóstolos e discípulos, seus filhos na oração

de espera pelo Espírito Santo e nos alvares do anúncio do Evangelho aos quatro cantos do mundo. “Ela é o grande modelo para uma Igreja jovem, que quer seguir Cristo com frescura e docilidade” (*Cristo Vive*, 43).

Como Igreja Diocesana presente na unidade de todas as suas comunidades, queremos seguir os passos de Maria no acolhimento amoroso aos jovens; queremos converter a nossa mentalidade que os tem considerado mais como esperança de futuro do que como realidade transformadora já atuante; queremos aceitá-los como o “agora de Deus” (*Cristo Vive*, 64), como o “agora da Igreja” e como o “agora do mundo”.

Como Igreja Diocesana de Coimbra sentimo-nos enviados a comunicar-lhes por palavras e por testemunhos as três realidades fundamentais que podem transformá-los: “Deus ama-te”, “Cristo salva-te”, “Cristo vive” (cf. *Cristo Vive*, cap. IV). Convidamos os jovens a tornarem-se, como Igreja que são, os primeiros agentes da pastoral juvenil e a assumirem a missão de comunicarem as mesmas três certezas aos outros jovens.

### ***Plano Pastoral, instrumento do Espírito***

Que o nosso Plano Pastoral seja acolhido por todos e em cada comunidade cristã, nomeadamente em cada unidade pastoral, como um instrumento inspirado pelo Espírito Santo ao serviço da Igreja que quer ser jovem e quer acolher os jovens como seus filhos prediletos.

Confiamos o nosso Plano Pastoral à intercessão de Santo Agostinho, jovem buscador de Deus e padroeiro da nossa Diocese de Coimbra; pomo-lo nas mãos amorosas de Maria, Mãe dos jovens e Mãe da Igreja.

Coimbra, 28 de agosto de 2021

Festa de Santo Agostinho, padroeiro da Diocese de Coimbra

***Virgílio do Nascimento Antunes***

*Bispo de Coimbra*





# Plano Pastoral 2021-2024

## ***Jovem, levanta-te!***

### ***Cristo Vive.***

#### **Introdução**

Este Plano Pastoral assume dois acontecimentos e duas realidades que, nos próximos anos, terão muito impacto no dinamismo eclesial da Igreja em Portugal e, conseqüentemente, também na nossa Diocese: as conseqüências diretas e indiretas da pandemia e a vivência da Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023.

Por um lado, ainda estamos a viver uma pandemia que não sabemos quando acabará nem quais as reais conseqüências da mesma na sociedade e nos dinamismos eclesiais. Temos de considerar vários aspetos: os medos que decorrem desta pandemia e que alteram os hábitos de encontro, de reunião, de mobilidade, de presença; considerar o número elevado de mortos com conseqüências demográficas e o número elevado de lutos que ficaram por fazer; considerar o desemprego e a precariedade laboral que se viu muito agravada pelos reflexos da pandemia em vários setores empresariais; considerar a capacidade mobilizadora de muitas pessoas e

comunidades em torno de causas neste tempo; referir a reforçada importância dada às relações mais próximas e ao contacto com a natureza em detrimento das multidões e dos ajuntamentos; considerar a relevância dos meios de comunicação social e as novas formas de conectividade na sua ambiguidade entre muitas coisas positivas e negativas.

Por outro lado, não podemos deixar de sublinhar a importância da Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023. Pode ser uma enorme oportunidade de renovação e de envolvimento de todos neste dinamismo de fé e de discernimento vocacional. Certamente que muitas expectativas ficarão aquém do desejado, mas muitas concretizações serão uma imensa oportunidade evangelizadora que não podemos desperdiçar, quer na preparação das mesmas, quer na vivência da pré-Jornada, quer na própria Jornada, quer na pós-Jornada. Poderá ser um tempo para reaproximar os jovens e os adultos da Igreja, da prática cristã e dos sacramentos. Uma oportunidade reforçada pelo acolhimento generalizado da figura do atual Papa, tanto por crentes (católicos, outras confissões cristãs e outras religiões), como por não crentes.

Estes dois acontecimentos não podem ignorar uma realidade mais dura que vamos sentindo em toda a Europa: um continente envelhecido, com poucos jovens, com perda de protagonismo geopolítico no mundo, com dificuldade em manter a sustentabilidade do modelo humanista e social e, sobretudo, com várias instituições a perder relevância social e política.

A Igreja Católica na Europa não é imune a essa realidade e também sente as suas comunidades mais envelhecidas, sente que não é a única voz nem a mais ouvida na sociedade, que os grupos tendem a ser mais pequenos e, muitas vezes, vivem numa certa tensão (veja-se desde logo, a tensão entre movimentos e paróquias ou os diferentes modos de acolher o Vaticano II). Já não vivemos no tempo da cristandade. As comunidades cristãs começam a perceber-se como ‘minorias’. Contudo, a maior questão, neste ponto, é refletir se somos minorias criativas segundo o Evangelho ou minorias que se acomodam e se instalam em rotinas desligadas do compromisso social e do testemunho cristão.

Sentimos que hoje há desejo de Deus, que há sinais de algum regresso ao sagrado e que em muitos homens e mulheres há uma busca espiritual. Contudo, como nos recorda o Papa Francisco, ‘esses fenómenos são ambíguos’ (cf. EG, 89). “Mais do que o ateísmo, o desafio que hoje se nos apresenta é responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com propostas alienantes ou com um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro. Se não encontram na Igreja uma espiritualidade que os cure, liberte, encha de vida e de paz, ao mesmo tempo que os chame à comunhão solidária e à fecundidade missionária, acabarão enganados por propostas que não humanizam nem dão glória a Deus” (EG, 89).

Antes de mais, precisamos de reforçar e alimentar a fé de todos os que se consideram cristãos praticantes. Que os cristãos celebrem o

dom da vida com alegria e com entusiasmo, com profundidade e com sentido de missão, porque nós não temos uma missão, nós somos uma missão nesta terra (cf. EG, 273). Temos de ajudar cada cristão, em qualquer idade e circunstância, a sentir que “há uma necessidade imperiosa de evangelizar as culturas para inculturar o Evangelho” (EG, 69).

Mas, por outro lado, precisamos muito de ir ao encontro dos ‘buscadores’, de todos os que andam à procura de um sentido maior. Precisamos de lugares e de tempos de escuta, de momentos em que vamos ao encontro. Precisamos de abrir as portas das igrejas não só para acolher, mas também para sair ao encontro dos que estão feridos à beira do caminho e dos que andam desanimados. O Papa Francisco fala-nos de uma ‘Igreja em saída’ e diz que “a Igreja ‘em saída’ é uma Igreja com as portas abertas” (EG, 46).

Apesar de todas as dificuldades que possamos encontrar, necessitamos de construir o presente e de incarnar o Evangelho. No nosso ADN de cristãos está o Êxodo e a Terra Prometida, o exílio e o regresso a Jerusalém, a perseguição e a coragem do anúncio. Por isso, precisamos de uma Igreja que se deixe guiar pelo Espírito e que não se acomode às dificuldades, porque “as dificuldades que parecem enormes são a oportunidade para crescer, e não desculpa para a tristeza” (FT, 78). Este pode ser um tempo privilegiado que reclama o espírito das primeiras comunidades e a ‘coragem criativa’ dos apóstolos e dos missionários. Animados pelo Ressuscitado e com a força do Espírito, somos a Igreja que nasceu na manhã de Pentecostes.

Recordamos que este Plano Pastoral retoma o dinamismo sinodal como método e como força de comunhão e de compromisso, dinamismo que já é uma realidade na nossa Diocese e que queremos cada vez mais presente nos diferentes organismos e dinamismos eclesiais. Em concreto, este Plano tem em consideração a avaliação do anterior e, sobretudo, o contributo resultante das respostas aos questionários realizados na nossa Diocese (Questionário A - Conselhos Pastorais e Equipas de Animação Pastoral; Questionário B - jovens integrados na Igreja; Questionário C - não crentes e afastados da Igreja). Foram várias as respostas recebidas, a que se seguiu um trabalho de síntese que inspira este Plano e que deixa muitas referências importantes para a sua concretização. Este é um trabalho que pertence a muitos e que confiamos a Deus Trindade para que possamos continuar a construir o Reino de Deus nesta Diocese de Coimbra com entusiasmo e alegria, compromisso e empenho, inteligência e carinho, com gestos proféticos e compaixão, com sabedoria e, sobretudo, esperança.

Por fim, importa sublinhar que o Plano Pastoral 2021-2024 não é apenas para os jovens, mas para toda a Diocese de Coimbra. Trata-se de um Plano que não é setorial ou para uma determinada faixa etária, mas que há de envolver todas as idades e todos os setores, grupos e movimentos da Diocese.

# Estrutura do Plano Pastoral

## ■ Objetivos

1. Envolver os jovens na edificação da Igreja
2. Proporcionar aos jovens o encontro com Jesus Cristo
3. Acompanhar o discernimento vocacional dos jovens

## ■ Dinamismos ligados a cada objetivo

### **Objetivo 1 - Envolver os jovens na edificação da Igreja**

- 1.1. Dinamismo de pertença
- 1.2. Dinamismo do encontro
- 1.3. Dinamismo da participação na comunidade

### **Objetivo 2 - Proporcionar aos jovens o encontro com Jesus Cristo**

- 2.1. Dinamismo do primeiro anúncio
- 2.2. Dinamismo do crescimento na fé
- 2.3. Dinamismo da oração

### **Objetivo 3 - Acompanhar o discernimento vocacional dos jovens**

- 3.1. Dinamismo da amizade com Cristo
- 3.2. Dinamismo do “ser para os outros”
- 3.3. Dinamismo das vocações na Igreja

## Três Objetivos

*Estes três objetivos revelam-se como metas que queremos alcançar, conscientes de que cada um deles vale por si mesmo, tendo, ao mesmo tempo, relação com os outros dois. Estes objetivos não devem ser entendidos como uma sequência, mas são para operacionalizar em simultâneo.*

### 1. **ENVOLVER** OS JOVENS NA EDIFICAÇÃO DA IGREJA

#### ***Uma presença desejada***

Começamos por dizer que há muitos adolescentes e jovens presentes na vida da Igreja. Basta pensar, na nossa Diocese, nos jovens que semanalmente estão envolvidos na Catequese, no CNE, nos Grupos de Jovens, nos Grupos do Ensino Superior, nos serviços pastorais (coros litúrgicos, acólitos, catequistas, grupos de voluntariado socio-caritativo). A Igreja é a maior 'escola' de voluntariado nestas idades. Contudo, todos sentimos a falta de adolescentes e jovens na celebração da missa e noutros momentos da comunidade. Este desfasamento obriga-nos, necessariamente, a renovar os dinamismos da pastoral comunitária para os tornar mais adequados aos objetivos de evangelização e vida eclesial nesta faixa etária.

### ***Protagonistas da ação da Igreja***

Este olhar exige que reforcemos dinamismos que envolvam, cada vez mais, os jovens na edificação da Igreja. O envolvimento passa pela escuta e por torná-los protagonistas da própria ação da Igreja. Precisamos, por um lado, de escutar as suas necessidades, as suas angústias, as suas ideias, as suas opiniões, as suas alegrias, as suas perspectivas e as suas sugestões. Por outro lado, precisamos de tornar os jovens mais protagonistas do agir pastoral e da evangelização (cf. ChV, 202). Não basta acolher os jovens, é preciso torná-los protagonistas. O Papa Francisco recorda-nos que “muitos jovens cansam-se dos nossos programas de formação doutrinal, e mesmo espiritual, e às vezes reclamam a possibilidade de ser mais protagonistas em atividades que façam algo pelas pessoas” (ChV, 225).

### ***‘Sair do sofá’***

Um dos maiores desafios de hoje será ‘tirar’ os jovens de casa, do telemóvel, dos seus comodismos. A este propósito o Papa insiste: “Jovens, não renunciéis ao melhor da vossa juventude, não fiquéis a observar a vida da varanda. Não confundais a felicidade com um sofá nem passeis toda a vossa vida diante dum visor” (ChV, 143). No entanto, importa sublinhar que hoje o envolvimento passa por novas formas e novos ambientes, onde não podemos esquecer o papel dos meios de comunicação social. “Em muitos países, a *web* e as redes sociais já constituem um lugar indispensável para se alcançar e



envolver os jovens nas próprias iniciativas e atividades pastorais” (ChV, 87).

### ***Cultivar a proximidade***

O envolvimento passa por compromissos concretos, por convites objetivos, por relações pessoais e próximas. À imagem da relação de Jesus com os seus discípulos, precisamos de ‘perder’ tempo com eles, de ir ao seu encontro nos locais de estudo e de vida, precisamos de ter lugares para eles nas nossas comunidades. Precisamos de contar verdadeiramente com eles, com as suas ideias, com a sua participação na construção das comunidades cristãs.

### ***A força do testemunho***

Este envolvimento não pode ignorar e esquecer os que estão ‘fora’ da Igreja, desde logo, os que não andam na catequese nem participam na celebração da missa. Certamente que este será o maior desafio para o qual os próprios jovens são determinantes como primeiros e principais evangelizadores dos outros jovens (cf. ChV, 219) – uma missão que não é fácil nem cómoda (cf. ChV, 178). Precisamos de jovens que digam a outros: ‘Deus Ama-te’ (ChV, 112); Cristo Vive (cf. ChV, 124); Cristo poderá estar na tua vida, em cada momento, para a encher de luz (cf. ChV, 125); Cristo quer que tenhas mais vida e vida em abundância (cf. Jo 10,10).

## 2. PROPORCIONAR AOS JOVENS O ENCONTRO COM JESUS CRISTO

### ***Encontro pessoal e comunitário***

Toda a relação começa num encontro pessoal. O encontro reforça laços, empatia e cumplicidade. Muitas vezes, corremos o risco de andar ‘desencontrados’ e, por isso, fechados em nós mesmos, desencontrados dos outros, de Deus e até de nós próprios. Este desencontro tem consequências na própria comunidade. Onde não há encontro sobra egoísmo, invejas e conflitos.

Por isso, cada comunidade cristã e cada dinamismo eclesial deve procurar proporcionar aos jovens o encontro pessoal com Cristo, encontro sereno e pleno, capaz de entusiasmar e reforçar compromissos. Precisamos de dizer a cada jovem: “Ele pode mudar a tua vida, pode iluminá-la e dar-lhe um rumo melhor” (ChV, 131).

### ***Kerygma e amor fraterno***

Neste objetivo precisamos de assumir um plano “que esteja centrado em dois grandes eixos: um é o aprofundamento do *Kerygma*, a experiência fundante do encontro com Deus através de Cristo morto e ressuscitado; o outro é o crescimento no amor fraterno, na vida comunitária, no serviço” (ChV, 213).

Neste sentido, quanto ao *Kerygma* ou primeiro anúncio, toda a “pastoral juvenil deveria incluir sempre momentos que ajudem a renovar e aprofundar a experiência pessoal do amor de Deus e de Jesus

Cristo vivo. FÁ-lo-á valendo-se de vários recursos: testemunhos, cânticos, momentos de adoração, espaços de reflexão espiritual com a Sagrada Escritura e, inclusivamente, com vários estímulos através das redes sociais” (ChV, 214). Quanto ao segundo eixo, o crescimento no amor fraterno “deve incorporar claramente meios e recursos variados para ajudar os jovens a crescerem na fraternidade, a viverem como irmãos, a ajudarem-se mutuamente, a criarem comunidade, a servirem os outros, a estarem perto dos pobres” (ChV, 215).

### ***Para uma vida cheia de sentido***

O encontro pessoal e comunitário com Cristo abre-nos a uma existência cheia de sentido, uma felicidade que mais não é do que o caminho da santidade. De facto, “ser santo não significa revirar os olhos num suposto êxtase” (GE, 96). Ser santo é ser feliz à maneira de Cristo como podemos perceber nas bem-aventuranças (cf. GE, 64), uma felicidade, feita de gestos e de palavras concretas, que se vê no rosto e no ‘estilo de vida’ quotidiano.

Esta vida de santidade precisa de ser alimentada nos sacramentos, especialmente na Eucaristia e na Reconciliação, e nos múltiplos encontros da comunidade e do compromisso cristão. Muitos jovens de hoje “pedem propostas de oração e momentos sacramentais que incluam a sua vida quotidiana numa liturgia nova, autêntica e alegre” (ChV, 224).

Mas não “podemos separar a formação espiritual da formação cultural” (ChV, 223) e social. Não podemos esquecer as áreas da filosofia, das humanidades, da ecologia integral (cf. LS, 11), da justiça e da caridade; nem as expressões artísticas do teatro, da música, da pintura... (cf. ChV, 226).

### 3. ACOMPANHAR O DISCERNIMENTO VOCACIONAL DOS JOVENS

#### ***Caminho acompanhado***

Todo o discernimento profundo exige não só confronto com a Palavra de Deus, mas também o diálogo com pessoas que podem ajudar a ver mais claro o caminho. O acompanhamento é determinante no processo do discernimento. Também “os jovens precisam (...) de ser acompanhados. A família deveria ser o primeiro espaço de acompanhamento. Por isso, é necessário que a pastoral juvenil e a pastoral familiar tenham uma continuidade natural, trabalhando de maneira coordenada e integrada para se poder acompanhar adequadamente o processo vocacional” (ChV, 242).

#### ***Experiência de liberdade***

Mas neste discernimento vocacional, diz o Papa que os jovens podem ser acompanhados por sacerdotes, religiosos, religiosas, leigos, profissionais e até jovens capacitados para tal (Cf. ChV, 291). O fundamental é ter presente que “um bom discernimento é um caminho

de liberdade que faz aflorar esse carácter único de cada pessoa, isso que é tão seu, tão pessoal, que só Deus conhece” (ChV, 295).

### ***Caminhar com Jesus***

Neste sentido, “para discernir a própria vocação, deve-se reconhecer que essa vocação é o chamamento de um amigo: Jesus” (ChV 287). De facto, o Papa propõe este ‘discernimento de amizade’ como modelo para descobrir qual a vontade de Deus para a vida de cada pessoa (Cf. ChV, 287), um Deus que se faz companheiro de viagem como Jesus com os discípulos de Emaús (cf. Lc 24, 13-32).

### ***Uma vida irrepetível***

Neste discernimento acompanhado por Cristo e por outras pessoas, cada jovem é desafiado a ser ele mesmo e não uma fotocópia (cf. ChV, 106). Diz o Papa Francisco: “atreve-te a ser mais, porque o teu ser é mais importante do que qualquer outra coisa. (...) Assim não serás uma fotocópia. Serás plenamente tu próprio” (ChV, 107).

### ***Ser para os outros***

Contudo, alerta: “tu podes interrogar-te sobre quem és e passar uma vida inteira a procurar a tua própria identidade. Interroga-te, antes ‘*para quem sou eu?*’” (ChV, 286). No fundo precisamos de nos interrogar: “Como posso servir melhor e ser mais útil ao mundo e à Igreja? Qual é o meu lugar nesta terra? Que poderia eu oferecer à sociedade?” (ChV, 285). Para ajudar a encontrar resposta a estas

perguntas importa comprometer os jovens “em iniciativas de voluntariado, de cidadania ativa e de solidariedade social” (ChV, 170).

### ***Caminho batismal***

Todos estes dinamismos hão de ajudar cada jovem a descobrir a sua própria vocação. Todos temos uma vocação. Todos somos chamados à vida, à vida plena, à vida em Deus. Todos somos desafiados a sermos felizes com os critérios do Evangelho, isto é, à maneira de Jesus Cristo. A partir do nosso batismo, precisamos de descobrir como podemos concretizar essa vocação: como família, como padre, como religioso, como missionário, como consagrado, como leigo...

A vocação não se esgota no horizonte eclesial, mas abre-se também ao mundo e realiza-se para além das ‘paredes da igreja’: na profissão, na política, no associativismo, no voluntariado, nas diferentes relações quotidianas.

# Nove Dinamismos

*Os dinamismos são propostas de concretização dos objetivos. Tal como foi referido a propósito dos objetivos, também os dinamismos são para operacionalizar em simultâneo, a nível pessoal e comunitário, e não devem ser entendidos como uma sequência.*

## I. Envolver os jovens na edificação da Igreja

### 1.1 Dinamismo de pertença

Muitos jovens hoje dizem que não se identificam com a Igreja, com as suas ideias, com a sua doutrina e com a sua moral; dizem que é ‘uma seca’, ‘de velhos’, um ‘lugar de punição’; acham as celebrações longas, aborrecidas; as catequeses são pobres; há atividades em excesso e nem sempre adaptadas aos seus interesses; não se identificam com as pessoas da Igreja; têm medo de serem gozados pelos colegas; não se sentem acolhidos... o que manifesta que, genericamente, não têm sentido de pertença.

Alguns referem que, simplesmente, se foram ‘desligando’ e afastando da prática dominical e da catequese, revelando que muito deste afastamento decorre das próprias famílias que também já não participam. Referem ainda que o afastamento também tem a ver com a falta de uma explicação de quem é Deus diante da muita informação científica e com comportamentos ligados a pessoas da Igreja (como quezílias e hipocrisia). O afastamento e o desconhecimento são algumas das razões do seu alheamento eclesial.

No entanto, alguns jovens referem o sentido de pertença pela tradição familiar e ligados a expressões de religiosidade popular; reconhecem credibilidade na Igreja e nos seus membros, dizem que admiram a bondade, a honestidade, a convicção, os valores, a disponibilidade para ajudar e querem o bem das outras pessoas, pessoas positivas e generosas, pessoas que acreditam em algo maior do que esta vida terrena e pessoas com muita esperança. Reconhecem que é uma das maiores fontes de desenvolvimento da criatividade e do espírito crítico.

Cada comunidade cristã assume o desafio de ser mais próxima dos jovens, mais acolhedora, mais inclusiva, mais aberta, mais atual e de tornar os jovens mais protagonistas da própria ação da Igreja.

## **1.2 Dinamismo do encontro**

Muitos jovens dizem que as atividades e os sacramentos precisam de ser verdadeiros momentos de encontro e não apenas ‘atividades de calendário’. Sentem falta de momentos profundos de oração, de retiros, de missas campais, de peregrinações, de concertos solidários, de acampamentos e de voluntariado.

Alguns dizem que procuram saciar a sua espiritualidade fora da Igreja, porque não encontram aí o que procuram. A espiritualidade aparece aqui como algo mais interior e mais individual, menos comunitário e menos comprometido com a sociedade.



Outros dizem que a missa devia ser mais participada e interativa, mais apelativa, com cânticos mais animados e com homilias mais próximas à vida concreta; que as missas não sejam só ‘ouvir o padre, levantar e voltar a sentar’; pedem que os padres tenham um discurso mais cativante, as catequeses sejam mais dinâmicas e que haja maior abertura para se falar de temas da atualidade (como a sexualidade, tecnologia e a ecologia).

Cada comunidade cristã assume o desafio de tornar a missa mais participada e apelativa; de promover atividades, itinerários e espaços de diálogo aberto e de escuta autêntica e respeitadora.

### **1.3 Dinamismo da participação**

Muitos jovens revelam falta de interesse em participar na comunidade, ou porque sentem que as atividades têm pouco interesse para eles ou porque têm outras atividades que entram em ‘conflito’. Também é expresso o desejo de ficar em casa ou com um pequeno grupo, mais do que participar em atividades da Igreja, da escola ou outras.

Durante a pandemia insistiu-se muito no ficar em casa, agora a dificuldade maior, para muitos, é ‘sair de casa’. Toda a vida familiar e social se centrou em poucos contactos. O medo dos contágios, o comodismo e o conforto de casa, entre outros, são razão e, muitas

vezes, desculpa para evitar as atividades de grupo ou a presença na comunidade.

Cada comunidade cristã assume o desafio de promover mais atividades dirigidas aos jovens: encontros de formação (litúrgica, bíblica e humana); intercâmbio entre grupos de jovens; participação em encontros diocesanos, nacionais e internacionais; valorização dos projetos ‘Say Yes’, ‘Rise Up’, YouCat, DoCat...; criação de grupos de pastoral juvenil; valorização e integração dos jovens nas estruturas de corresponsabilidade, nos movimentos e nos serviços paroquiais/unidade pastorais (catequistas, acólitos, coros...).

## **II. Proporcionar aos jovens o encontro com Jesus Cristo**

### **2.1 Dinamismo do primeiro anúncio**

Muitos referem que estão desligados da Igreja ou que a sua ligação é muito frágil e pontual. Já não estamos numa cultura em que o cristianismo seja um dado adquirido e começa a faltar uma gramática comum, necessária para uma comunicação. Pelo que, cada vez mais, o dinamismo do primeiro anúncio reclama uma particular atenção pastoral.

De algum modo, teremos de falar, mesmo antes de um primeiro anúncio, de um primeiro contacto, um primeiro 'link', onde os jovens se conectem com o religioso e com Jesus Cristo. Esse primeiro contacto continua a contar com o testemunho de outros jovens, mas hoje teremos de considerar também as próprias redes sociais e os conteúdos na internet. Esta primeira aproximação precisa da 'coragem criativa' do Evangelho que tudo faz para anunciar Cristo.

Cada comunidade cristã assume o desafio de estar presente nos diferentes contextos e plataformas onde os jovens se encontram (redes sociais, desporto, música, artes...) de forma a sensibilizar e a preparar para o anúncio do Evangelho. Assume ainda o desafio de propor experiências de aprofundamento da fé, ou mesmo de primeiro anúncio, recorrendo a grupos juvenis da Paróquia/Unidade Pastoral, Alpha Jovem, Convívios Fraternos, Educação Moral Religiosa Católica e outros movimentos de espiritualidade juvenil.

## **2.2 Dinamismo do crescimento na fé**

Muitos jovens referem que faltam espaços de debate onde se possam discutir abertamente ideias e necessidades relacionadas com a fé e os valores da Igreja; faltam atividades mistas que conjuguem convívio-tema-partilha de opiniões; faltam espaços físicos dedicados

aos grupos de jovens e atividades onde todas as faixas etárias se possam interligar.

Alguns jovens falam da importância dos movimentos e dos grandes eventos, como as Jornadas Mundiais da Juventude, a Oração Mensal das JMJ, a Missão País, a peregrinação a Taizé e a Santiago de Compostela, o Escutismo, a juventude da Ação Católica, a Pastoral Juvenil, a Pastoral do Ensino Superior, o Shalom, a Comunidade Emanuel, a Mensagem de Fátima, o GVX (Grupos de Vida Cristã), o Caminho Neocatecumenal, o Verbum Dei, retiros, campos de férias paroquiais e campos de trabalho da Cáritas.

Cada comunidade cristã assume o desafio prioritário de criar uma equipa de pastoral juvenil local que inclua jovens e adultos; de criar ou apoiar a criação de espaços físicos dedicados aos jovens; de promover diferentes iniciativas e atividades para despertar e alimentar a fé em Jesus Cristo; de propor a abordagem cristã de temas como a família, o estudo, o trabalho, o associativismo, a ecologia, a economia, a arte, a política, o voluntariado.

### **2.3 Dinamismo da oração**

Muitos jovens deixam perceber que a vivência dos sacramentos não é compreendida como essencial e determinante das suas vidas, vendo-os mais como uma festa social e da comunidade cristã do que

uma vivência profunda de encontro e de oração. Muitas vezes a proposta da Igreja não permite que os próprios momentos celebrativos sejam profundos, serenos, orantes e transformadores, faltando frequentemente silêncio, conteúdo e a alegria do Espírito Santo.

Para além das dificuldades dos momentos comunitários, todos percebemos a dificuldade que muitos jovens e adultos têm de parar para rezar, por ‘falta de tempo’, por falta de hábito ou porque, simplesmente, não sabem o que fazer e dizer diante do Senhor.

Cada comunidade cristã assume o desafio de celebrar a Eucaristia dando mais espaço à participação dos jovens (grupo coral, acólitos, leitores...); de cuidar da homilia que deve ser “uma experiência intensa e feliz do Espírito, um consolador encontro com a Palavra, uma fonte constante de renovação e crescimento” (EG, 135); de promover a *lectio divina* com os jovens, tornando assim a Palavra de Deus mais acessível; de propor momentos de contemplação, de retiro e conteúdos para a oração pessoal e de grupo.

### **III. Acompanhar o discernimento vocacional dos jovens**

#### **3.1 Dinamismo da amizade com Cristo**

Muitos jovens dizem que admiram Jesus Cristo e destacam as seguintes referências: bondade, amor por todos, compaixão, solidariedade, fidelidade a si mesmo, capacidade de perdão, tolerância, capacidade de ensinar e atrair, dedicação e doação total da vida, humildade, simplicidade, genialidade, capacidade de aguentar a dor extrema, empatia, proximidade.

Contudo, não basta esta admiração para estabelecer uma relação, é preciso escolher Jesus como um amigo e um companheiro da viagem da vida e, sobretudo, experimentar que Jesus foi quem nos escolheu primeiro. É preciso descobrir Jesus como Salvador e fonte de santidade, como critério de discernimento e referência existencial.

Cada comunidade cristã assume o desafio de apresentar Jesus Cristo numa perspectiva integral; de tornar Jesus Cristo o centro permanente de toda a atividade com os jovens com um ‘novo entusiasmo, novos métodos e novas expressões’ (cf. João Paulo II, 9 de março de 1983, Haiti).

#### **3.2 Dinamismo do ‘Ser para os outros’**

Muitos falam da importância de ações de voluntariado (dentro e fora da comunidade eclesial), da ajuda aos mais pobres das

comunidades, das campanhas solidárias e financeiras para ajudar os vários grupos nas atividades durante o ano, das ações na defesa e do cuidado da natureza.

Num tempo de poucas causas, certamente que todos já percebemos a importância e a relevância do voluntariado e da ecologia. A Igreja precisa de pegar nestes dois temas com ações concretas e dinamismos próprios para que sejam, não apenas ações sociais, mas atitudes de profundo encontro com Cristo e com o Criador.

Cada comunidade cristã assume o desafio de dar a conhecer as várias oportunidades de serviço existentes na Paróquia/Unidade Pastoral e de proporcionar a sua participação nas mesmas; de dar a conhecer e promover a participação de jovens em serviços de voluntariado, a ação social e caritativa, como uma oportunidade especial de descoberta da vocação e do sentido mais profundo da vida; de sensibilizar e envolver os jovens na promoção de uma ecologia integral (cf. LS).

### **3.3 Dinamismo das vocações na Igreja**

Muitos jovens referem que desejam ser felizes, mas associam 'ser feliz', sobretudo, ao êxito na família, no trabalho, no reconhecimento social e na saúde. Trata-se de uma felicidade ligada mais ao ter do que ao ser, mais a aproveitar a vida e as oportunidades, ter vida estável e próspera, ganhar dinheiro e viajar pelo mundo. Por isso, diante do futuro, dizem que o melhor é aproveitar o momento e viver um dia de cada vez.

No entanto, muitos desejam algo mais profundo e dizem que o trabalho não devia ocupar tanto tempo, nem devia ser a prioridade. Falam numa felicidade que passa por ajudar os outros, cuidar do planeta e construir uma família. De facto, revelam que a família é o pilar das suas vidas, que surge como porto de abrigo, âncora e suporte. Alguns referem marcas negativas na sua experiência familiar, desde violência, discussões, separações... e manifestam o desejo de não cometer os mesmos erros.

Os jovens admiram a vocação religiosa ou de consagração, a dedicação e a ajuda aos mais carenciados. Reconhecem a necessidade e a coragem de dizer 'sim' a Deus, a grande generosidade e disponibilidade de coração, a capacidade de transmitirem a mensagem de Deus, mas, genericamente, não a consideram uma possibilidade para si mesmos.

Cada comunidade cristã assume o desafio de organizar localmente um serviço de pastoral e discernimento vocacional com a missão de dar a conhecer testemunhos reais e felizes de casais, de padres, de consagrados e de leigos; de promover workshops vocacionais; de dar a conhecer exemplos bíblicos de vocação e a vida dos santos e de encaminhar os jovens para as propostas diocesanas.



## Alguns desafios concretos

Da leitura dos contributos recebidos para a elaboração deste plano pastoral, quer dos questionários, quer dos órgãos de corresponsabilidade da diocese, sublinham-se alguns desafios concretos para cada comunidade/unidade pastoral.

Que cada Paróquia/Unidade Pastoral:

- tenha um serviço de pastoral de juvenil organizado;
- tenha um serviço de pastoral e discernimento vocacional;
- tenha um Centro Juvenil como espaço de encontro, formação, oração, convívio;
- promova iniciativas de espiritualidade, como retiros, missões, jornadas de voluntariado;
- valorize grandes atividades como campos de férias, peregrinações, caminhadas;
- proporcione instrumentos para a pastoral juvenil como 'Say Yes', 'Rise Up', YouCat, Do Cat;
- dê especial atenção à preparação imediata para o Sacramento do Crisma, promovendo momentos de retiro, oração, voluntariado;
- proporcione aos jovens a participação numa ação concreta de primeiro anúncio, como Alpha jovem, Convívio Fraternos, ou outra experiência marcante para a vida cristã;
- celebre anualmente a Jornada Mundial da Juventude;
- invista na formação de animadores para a pastoral dos jovens;
- forme pessoas para acompanhar jovens no discernimento vocacional;
- assegure a integração de jovens nos órgãos de comunhão e de corresponsabilidade, como Equipa de Animação Pastoral, Conselho Pastoral, Conselho para os Assuntos Económicos.

## Conclusão

Para dar frutos, o Plano Pastoral precisa de ser adaptado às circunstâncias de cada comunidade, que deve encontrar as estratégias e os meios para concretizar os objetivos e os dinamismos indicados.

Cada Paróquia/Unidade Pastoral tem necessidades e recursos diferentes que exigem respostas e caminhos também eles diferentes, que devem ser refletidos no âmbito do Conselho Pastoral e da Equipa de Animação Pastoral, envolvendo os catequistas, os ministros leigos e os próprios jovens. O Plano Pastoral não pode ficar centrado e ser assumido exclusivamente pelo Pároco, mas deve envolver todos os membros da comunidade.

Mesmo nas zonas mais despovoadas e com menos recursos não há justificação para que este Plano não tenha alguma concretização. Poderá não ser um trabalho de multidões, mas espera-se que seja feito com entusiasmo, com esperança e ajustado à realidade das comunidades.

Este Plano Pastoral surge em contexto de pandemia, mas está alimentado fortemente pela esperança que colocamos na radicalidade da nossa fé e na vivência cristã das nossas comunidades. A Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023 constitui uma oportunidade para estimular o nosso entusiasmo na evangelização dos jovens.

## Abreviaturas

EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

FT – Carta encíclica *Fratelli Tutti*

ChV – Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus Vivit*

GE – Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*

LS – Carta encíclica *Laudato Si'*



## ***Jovem, levanta-te! Cristo vive!***

### ***Plano Pastoral da Diocese de Coimbra 2021-24***

*Grelha de programação para a Paróquia/Unidade Pastoral completar, considerando as suas realidades e possibilidades, os seus sonhos e coragem, o seu compromisso e capacidade de concretização.*

OBJETIVO	DINAMISMOS	CADA COMUNIDADE CRISTÃ ASSUME O DESAFIO	CONCRETIZAÇÃO NA UNIDADE PASTORAL	
			<i>O quê? (iniciativas)</i>	<i>Quando? (datas)</i>
<b>Envolver os jovens na edificação da Igreja</b>	<i>Dinamismo de pertença</i>	- ser mais próxima dos jovens, mais acolhedora, mais inclusiva, mais aberta, mais atual e tornar os jovens mais protagonistas da própria ação da Igreja.		
	<i>Dinamismo do encontro</i>	- tornar a missa mais participada e apelativa; - promover atividades, itinerários e espaços de diálogo aberto e de escuta autêntica e respeitadora.		
	<i>Dinamismo da participação</i>	- promover mais atividades dirigidas aos jovens: encontros de formação (litúrgica, bíblica e humana); intercâmbio entre grupos de jovens; participação em encontros diocesanos, nacionais e internacionais; valorização dos projetos 'Say Yes', 'Rise Up', YouCat, DoCat...; criação de grupos de pastoral juvenil; valorização e integração dos jovens nas estruturas de corresponsabilidade, nos movimentos e nos serviços paroquiais/Unidades Pastorais (catequistas, acólitos, coros...).		
<b>Proporcionar aos jovens o encontro com Jesus Cristo</b>	<i>Dinamismo do primeiro anúncio</i>	- estar presente nos diferentes contextos e plataformas onde os jovens se encontram (redes sociais, desporto, música, artes...), de forma a sensibilizar e a preparar para o anúncio do		

		<p>Evangelho;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- propor experiências de aprofundamento da fé, ou mesmo de primeiro anúncio, recorrendo a grupos juvenis da Paróquia/Unidade Pastoral, Alpha jovem, Convívios Fraternos, Educação Moral Religiosa Católica e outros movimentos de espiritualidade juvenil.</li> </ul>		
	<i>Dinamismo do crescimento na fé</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- criar uma equipa de pastoral juvenil local que inclua jovens e adultos;</li> <li>- criar ou apoiar a criação de espaços físicos dedicados aos jovens;</li> <li>- promover diferentes iniciativas e atividades para despertar e alimentar a fé em Jesus Cristo;</li> <li>- propor a abordagem cristã de temas como a família, o estudo, o trabalho, o associativismo, a ecologia, a economia, a arte, a política, o voluntariado.</li> </ul>		
	<i>Dinamismo da oração</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- celebrar a Eucaristia dando mais espaço à participação dos jovens (grupo coral, acólitos, leitores...);</li> <li>- cuidar da homilia, que deve ser “uma experiência intensa e feliz do Espírito, um consolador encontro com a Palavra, uma fonte constante de renovação e crescimento” (EG, 135);</li> <li>- promover a <i>lectio divina</i> com os jovens, tornando, assim, a Palavra de Deus mais acessível;</li> <li>- propor momentos de contemplação, de retiro e conteúdos para a oração pessoal e de grupo.</li> </ul>		
<b>Acompanhar o discernimento vocacional dos jovens</b>	<i>Dinamismo da amizade com Cristo</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- apresentar Jesus Cristo numa perspetiva integral;</li> <li>- tornar Jesus Cristo o centro permanente de toda a atividade com os jovens com um ‘novo entusiasmo, novos métodos e novas expressões’ (cf. João Paulo II).</li> </ul>		

	<p><i>Dinamismo do “ser para os outros”</i></p>	<p>- dar a conhecer as várias oportunidades de serviço existentes na Paróquia/Unidade Pastoral e proporcionar a sua participação nas mesmas;</p> <p>- dar a conhecer e promover a participação de jovens em serviços de voluntariado, a ação social e caritativa, como uma oportunidade especial de descoberta da vocação e do sentido mais profundo da vida; e sensibilizar e envolver os jovens na promoção de uma ecologia integral (cf. Laudato Si).</p>		
	<p><i>Dinamismo das vocações na Igreja</i></p>	<p>- organizar localmente um serviço de pastoral e discernimento vocacional com a missão de dar a conhecer testemunhos reais e felizes de casais, de padres, de consagrados e de leigos;</p> <p>- promover workshops vocacionais; dar a conhecer exemplos bíblicos de vocação e a vida dos santos e encaminhar os jovens para as propostas diocesanas.</p>		





## **AVALIAÇÃO DO PLANO ANTERIOR – 2017-2020**

*Recordamos que o triênio pastoral 2017-2020 tinha três objetivos principais, que aqui identificamos globalmente como “áreas”. Para cada uma dessas áreas, sintetizamos os objetivos e atividades programados inicialmente pelas Unidades Pastorais e a sua avaliação ao final do triênio.*

### **Área da Evangelização**

O objetivo mais unanimemente destacado foi o primeiro anúncio, com múltiplas estratégias: cursos alpha (adultos, jovens, adolescentes); homilias com maior acentuação bíblica; convites a não-praticantes; catequização dos pais e seu envolvimento na catequese dos filhos; aproveitar as reuniões de preparação do batismo com pais e padrinhos; catequese de adultos para o Crisma. Também houve muitas propostas de estratégias e atividades para a formação da fé: catequese de adultos com o catecismo diocesano e com o Catecismo da Igreja Católica; formação bíblica; formação teológica (na Unidade Pastoral; participação de leigos na Escola Diocesana de Teologia e Ministérios); formação dos agentes de pastoral; formação de catequistas; convites a praticantes; conferências quaresmais; acompanhar adultos que fizeram o Crisma; aproveitar encontros de preparação do batismo para chegar a pais e padrinhos e aprofundar a dimensão kerigmática na sua preparação; Cursos de Cristandade.

Nesta área foram também muito destacados dois setores específicos: a família e os jovens. Para a família: constituir Equipa da Unidade de Pastoral Familiar, estruturar e consolidar a pastoral familiar, valorizar o sentido da família como igreja doméstica. Acompanhamento/apoio nas situações familiares irregulares. Criar Equipas de Nossa Senhora. Acompanhamento no luto. Para os jovens: promover uma pastoral para os jovens entre os 18 e os 30 anos; itinerário de preparação para as JM; Say yes; fazer ponte com a disciplina de EMRC; dinamização de adolescentes e jovens, nomeadamente com encontros; criar escuteiros e grupos de jovens; realizar campos de férias; formação bíblica com o YouCat; convívios fraternos; “grupos de Jesus”; oração ao estilo de Taizé; retiros; criar equipa arceprel de pastoral juvenil. Mais pontualmente: oração carismática; acompanhamento de doentes e idosos; percursos inovadores (“Deus no trabalho”, “Ele e Ela”, “Amor e Verdade”; formação sobre encíclicas papais; valorizar grupo sociocaritativo; promover passeios; dinamizar a comunicação e criar instrumentos (boletim, facebook, site...); manter a atividade e dinâmica dos movimentos/grupos existentes.

### **Resultados conseguidos**

As propostas e ações realizadas, sobretudo as de formação, foram consideradas boas, destacando-se: catequese de adultos; catequese de preparação para os sacramentos de iniciação de adultos;

catequese familiar consolidada; crescimento de células paroquiais de evangelização; alpha em diferentes modalidades; Say yes; pastoral familiar. Contudo, prevalece muita dificuldade em “atingir os de fora”, em ter a persistência dos “de dentro” (abandono pós alpha, pós crisma, pós catequese de adultos), em criar equipas que dependam da boa vontade de terceiros e em estruturar a pastoral juvenil.

### **Não conseguidos**

Grupos de catequese de adultos. Equipas para acompanhamento de situações familiares irregulares e no luto. Alguns cursos alpha programados. Atingir as “periferias” (chegar aos não praticantes). Também houve muitas não realizações por causa da pandemia e “definhamento” de algumas equipas existentes, nomeadamente na pastoral da família. Persistência de pouca perseverança nalguns serviços – catequistas, acólitos...

### **Ilações para o futuro**

Muito centradas em continuar as ações. Insiste-se no primeiro anúncio, nos “convites”, na formação, na estruturação e consolidação de equipas setoriais (família, jovens, alpha...). Continuar a aprofundar as propostas do Plano Pastoral nos próximos anos. Cuidar para que as ações que se fazem não apareçam desgarradas do todo pastoral. Nalgumas comunidades, muito identificadas, há também um grande desejo de propor “percursos alternativos”.

## Área da Espiritualidade

Há um apontar quase unânime para o cuidar da Eucaristia, a adoração ao Santíssimo Sacramento, a lectio divina, retiros e preparação do sacramento do Batismo. Prevalece também a formação: ministérios, acólitos... Depois, as atividades e as formas diversificam-se muito: renovar coro litúrgico, missa todas as semanas em todas as igrejas e capelas da Unidade Pastoral, oração na família, oração jovem, valorização dos sacramentos, pastoral das vocações, presença dos cristãos na comunidade civil, revalorizar e dinamizar a vivência do Sacramento da Reconciliação, Oficinas de Oração e Vida, dinamização cultural, missas temáticas, valorização do Tríduo Pascal, terço, devoção a santos com tradição local, Senhor dos Passos, Legião de Maria, Apostolado da Oração, Visita Pascal, Via Sacra, Via Lucis, 24h para o Senhor, pastoral de vocações.

### **Resultados conseguidos**

Das três “áreas”, esta aparece como a mais conseguida, sobretudo na liturgia, adoração eucarística, retiros e espiritualidade popular (terço, visita da imagem peregrina, Senhor dos Passos). Exemplificando: Formação de adoradores. Mais adoradores. Celebrações mais bem preparadas. Grande melhoria nos cânticos. Formação e retiros para ministérios. Oração do Apostolado da Oração. Recoleções de Advento e Quaresma. Curso de Leitores. Comunhão de pessoas doentes e isoladas.

### **Não conseguidos**

Formação de líderes para animar com qualidade a reflexão espiritual; envolvimento dos pais (catequese) na liturgia; manter todas as igrejas abertas (falta de voluntários); persistência de alguma tensão em celebrações litúrgicas inter-paroquiais.

### **Ilacões de futuro**

Convidar pessoas/casais novos; aprofundar o valor do compromisso; necessidade de formação; promover peregrinações congregadores de crianças, adolescentes e jovens; criar mais momentos de oração; aprofundar a espiritualidade laical individual, coletiva e familiar; manter a formação de adoradores; recrutar novos ministros e catequistas; reestruturação do culto ligado às capelarias.

## **Área da Organização**

Prevalece a valorização da Unidade Pastoral, do Conselho Pastoral, da Equipe de Animação Pastoral e de atividades associadas a estes “entes”, por exemplo, o Dia da Unidade Pastoral. Também destacados: valorização da informatização, unificação de cartórios paroquiais e comunicação dentro das Unidades Pastorais. Outros: dar a conhecer o Plano Pastoral diocesano; descobrir os carismas para os diferentes serviços da comunidade; agrupamento de capelarias; reestruturação dos setores da pastoral; requalificação das estruturas

da Paróquia; requalificação de espaços; formação técnica dos líderes; equipa de acolhimento permanente na Igreja; serviço dos pobres da paróquia; organização de passeios.

### **Resultados conseguidos**

As grandes estratégias e atividades foram razoavelmente conseguidas: criação/consolidação dos Conselhos Pastorais de Unidade Pastoral, cartórios centralizados, equipas e meios de comunicação (sobretudo facebook da Unidade Pastoral), obras de requalificação em igrejas e altares, formação dos membros dos Conselhos Económicos. Mais pontualmente: campanhas solidárias, criação de equipas de contacto com quem deixa de aparecer, criação de grupo sociocaritativo.

### **Não conseguidos**

Angariar voluntários; formação de algumas equipas (por exemplo, luto); criar ou consolidar bem algumas equipas (exemplo, Equipa de Animação Pastoral e Equipas de Acolhimento). Obras de requalificação.

### **Ilacões para o futuro**

Continuar a consolidação destas estruturas (Unidade Pastoral, Conselho Pastoral, Equipa de Animação Pastoral); promover a união de toda a Unidade Pastoral, com encontros e ações conjuntas das Paróquias; promover a formação.



diocese de  
**coimbra**  
*Jovem*  
levanta-te! #CRISTO VIVE.